

O Lago e o Universo

Havia certa vez um lutador excepcional e ainda jovem. Treinara desde pequeno, todos os dias sem falta, sob o Sol ou sob a Lua. Por isso se achava imbatível. Como ocorre a qualquer homem, em certo momento o jovem começou a sentir a necessidade de colocar-se a prova e de encontrar um desafio à sua altura. Passou a treinar, se é que isso era possível, com ainda maior intensidade, até que sua necessidade tornou-se irresistível demais para continuar a ignorá-la. Sendo assim, o lutador decidiu vagar pelo mundo em busca de maior desafio. Onde houvesse um lutador de grande renome, lá ia o jovem para desafiá-lo.

Após anos lutando pelo mundo sem sofrer sequer uma derrota, e ainda no auge de sua juventude, de sua forma física e de suas habilidades, o jovem lutador concluiu que era mesmo invencível e que jamais encontraria um oponente à sua altura. Esse pensamento o deixou arrasado, e o fez perder toda a motivação de viver. Mas, agora sem ter um lar para onde retornar, o lutador resolveu continuar treinando e vagando pelo mundo, à espera que o universo pudesse mandá-lo algum sinal que o tirasse da estagnação e desse a ele uma nova motivação para viver. Mas sua mente não estava mais aberta a esse tipo de sinal.

Certo dia, ao fim de tarde, o jovem estava subindo uma trilha montanhosa quando, após uma curva, avistou um velho de barbas brancas sentado no meio na estreita passagem, com as costas curvadas e duas xícaras de chá à sua frente. Quando chegou perto, o jovem pediu, impacientemente, que o velho se afastasse do caminho para lhe dar passagem. Sua impaciência se devia ao fato de que tivera, mais cedo, uma intuição de que encontraria o sinal que tanto buscava caso subisse aquela montanha. Por isso estava ansioso e pretendia atingir o topo antes do anoitecer.

- Certamente que lhe darei passagem, meu jovem, mas primeiro junte-se a mim por algum tempo. - respondeu o velho, sem se mexer - Já está na hora do chá e eu estava esperando alguém para se juntar a mim. Por favor, sente-se e pegue essa xícara.

- Não tenho tempo para bobagens como beber chá, velho louco! Agora me dê passagem antes que eu tenha que forçá-lo a isso! - o jovem estava com tanta pressa que estava cego a qualquer coisa que não fosse atingir o topo da montanha.

- Sempre há tempo para uma xícara de chá e para ser educado com as pessoas, meu rapaz. Lembre-se que você ainda é jovem e tem tempo para perseguir qualquer que seja seu sonho. - respondeu novamente o velho, sem parecer se intimidar ou mesmo se aborrecer com a grosseria - Mas receio que eu não vá deixá-lo passar antes que se junte a mim.

Os anos de viagem e a enorme quantidade de lutas haviam transformado a personalidade do jovem, de forma que ele era agora desnecessariamente impetuoso e inconseqüente. Partiu para cima do velho, disposto a afastá-lo à força, mas, sem se dar conta do que havia acontecido, viu se deitado no chão, com o rosto voltado para o céu e

uma xícara em cima de seu peito. O velho ainda estava no mesmo lugar, mas agora bebericava de sua própria xícara, ainda com um inexplicável sorriso no rosto.

- Vejo que resolveu se juntar a mim, meu jovem. Bom, bom. Você parece ter se perdido bastante em seu caminho, e receio que este seja muito mais árduo do que uma simples subida de montanha. Mas, já que estamos compartilhando do chá, diga-me: o que exatamente busca com tanta urgência no topo desta montanha, que o tornou capaz de tentar atacar um velho inofensivo e desarmado?

Confuso com o rumo que a situação tomara, o jovem lutador resolveu ficar e tomar o chá com o velho. Sentou-se corretamente, bebericou parte do chá pacientemente e só então respondeu:

- Desculpe-me pelas minhas ações, ancião. Estava buscando ansiosamente por um sinal, que me ajudasse a encontrar o caminho da minha vida, pois estou perdido.

- Você está tão cego pela pressa, pela ânsia e pelo desespero que não seria capaz de reconhecer um sinal caso algum aparecesse sentado na sua frente. Agora que está anoitecendo, me acompanhe até minha casa, apenas um pouco acima na montanha, e lhe oferecerei uma ceia e um lugar onde dormir. Talvez amanhã, com mais calma, possa continuar a procurar seu sinal.

Mas agora o jovem, agora mais calmo e sob o efeito do chá, pôde facilmente perceber:

- Você é o sinal que eu tanto procurei! Surgiu repentinamente na minha vida e, mesmo sendo um velho e eu tendo lutado por todo o mundo sem jamais ser derrotado, você me deixou prostrado no chão sem que eu nem mesmo soubesse como. Por favor, ensine-me, agora se for possível.

- Como eu disse, você continua impaciente. Tudo ao seu tempo, meu jovem. Primeiro me acompanhe até a minha casa, tudo o que precisa agora é comida e descanso. Amanhã será um dia para se pensar.

Na manhã seguinte, o jovem levantou-se cedo, mas encontrou a casa vazia e o desjejum já servido. Após lavar-se, comer e se alongar, resolveu subir o resto da montanha à procura do ancião. Se este fosse treiná-lo, o topo da montanha parecia o lugar certo para isso. Após algumas horas de subida, com a estrada ficando cada vez mais íngreme, o jovem chegou a um beco sem saída. Adiante agora havia apenas um paredão rochoso, de muitos metros de altura e extremamente íngreme. O jovem teve certeza de que deveria escalá-lo. Até aquele momento estava carregando comida para quando sentisse fome, mas decidiu abandoná-la ao pé do paredão para facilitar sua subida e deixar uma oferenda à montanha.

Sua subida foi longa e árdua, e ele não teria conseguido se fosse mais fraco. As rochas cortavam suas mãos e os abutres circundavam sua cabeça, o sol queimava sua nuca e o vento forte ameaçava derrubá-lo. Mas, após atingir o topo, cansado, ferido e faminto, o jovem deparou-se com o lugar mais lindo que já havia visto. Havia um lindo jardim de flores, com apenas um trecho circular de terra nua no centro, e, mais além, um bosque com árvores imponente, de tronco prateado e folhas douradas. No centro do trecho de

terra nua estava o velho, sentado com os olhos fechados. Abriu os olhos assim que o jovem se aproximou e encarou-o como se tivesse certeza de que, mais cedo ou mais tarde, ele chegaria até ali.

- Engraçado como os mais belos jardins se encontram após as mais árduas escaladas, não? Vejo que me encontrou, meu jovem. Ainda disposto a procurar seu caminho? - perguntou o velho, abrindo um sorriso e se pondo de pé.

- Sim, mestre. Mas tenho medo de ter me desviado demais e não ser mais capaz voltar atrás e seguir pelo caminho correto. - desabafou o jovem.

- Não se preocupe, meu aprendiz. Há sempre tempo para mudar o caminho em que você está, se você realmente se dedicar a isso. Existem inúmeros caminhos certos, e você sempre pode criar o seu próprio.

- Diga-me, mestre, o que devo fazer? Instrua-me.

- Para começar, sente-se nesse local, feche seus olhos e tente alcançar o universo. Fique o tempo que achar necessário, e levante-se assim que achar que já pode.

O jovem já conhecia a técnica da meditação, e, com todo o cansaço, fome, e o perfume inebriante das flores que o cercavam, não demorou muito até que ele perdesse os sentidos, ainda sentado, e caísse em devaneios.

Via o que, a princípio, parecia um grande lago. No entanto, por mais que procurasse, não conseguia avistar suas bordas ou qualquer coisa que estivesse ao seu redor. Depois de certo tempo, percebeu que a água estava, com certeza, em movimento, mas não conseguiu identificar em que direção. Parecia correr em todas as direções ao mesmo tempo. Ao continuar fitando-o interessado, o jovem percebeu que havia coisas emergindo do lago. Árvores, rochas, pessoas, animais; tudo isso emergia, ficava na superfície durante algum tempo variado. Cidades inteiras emergiam, cresciam, entravam em chamas e voltavam a submergir, em um balé aquático fantástico. Hipnotizado, o jovem começou a prestar atenção às pessoas. Cada uma seguia seu próprio caminho na correnteza, algumas nadando ativamente, outras apenas se deixando levar. A todo o tempo elas se cruzavam, seguiam algum tempo juntas e depois voltavam a se separar e, por fim, submergiam como todo o resto.

Sem se dar conta de quanto tempo havia passado em seus devaneios, o jovem acordou lentamente e se viu ainda sentado no meio da terra nua. Levantou-se, quase caindo de fome e decidido a procurar algo para comer antes de tentar compreender seu sonho, quando o velho mestre apareceu, parecendo satisfeito.

- O que você viu, meu jovem aprendiz?

- Vi um lago muito estranho, com correnteza em todas as direções e inúmeros objetos, animais e pessoas boiando, mas não compreendi seu significado, e receio que nem irei antes de comer alguma coisa, de tão esfomeado que estou.

- Você está no caminho correto, jovem, mas receio que não possa alimentá-lo no momento, nem com comida, nem com respostas, antes que você cumpra sua próxima tarefa.

O jovem lutador quase se revoltou contra o mestre, mas decidiu que não valeria à pena fazer isso, e simplesmente perguntou qual seria a tarefa.

- Já que está com fome, vou mandá-lo caçar. Naqueles bosques ali atrás existe um cervo, apenas um. Vá até lá, encontre-o, mate-o com as próprias mãos e depois traga seu corpo até esse exato ponto.

O jovem partiu sem demora. Mesmo o bosque não sendo muito grande, a caçada levou o resto da noite, e teria sido impossível para uma pessoa comum. Mas o jovem lutador era também um exímio caçador, e, ao amanhecer, saiu do bosque carregando pela gahlada o maior e mais belo cervo que já tinha visto. Ficou até com pena de matá-lo, mas compreendeu que era necessário se alimentar para continuar vivo, e de que é assim que funciona a natureza.

Depois de colocar o corpo do cervo no trecho de terra nua, o jovem fez menção de arrancar um pedaço da carne para comer, mas o ancião o impediu.

- Deixe o corpo nesse lugar, e espere até que algo aconteça. Estarei observando.

Agora em um estado tão crítico que teria significado morte para uma pessoa normal, o aprendiz se sentou defronte para o corpo do cervo e esperou. O que aconteceu foi que o corpo do cervo se decompôs em uma velocidade espantosa, e, antes do final do dia, já havia desaparecido completamente, e já havia nascido uma grama verde, viva e alta no lugar. Assim como o cervo anteriormente, a grama era inexplicavelmente bela e brilhosa. Então, ao fim de tarde e ainda sem comer nada, o jovem observou um cervo magnífico e exatamente idêntico ao anterior sair do bosque e começar a pastar aquela exata grama. Então a verdade atingiu o jovem com a força de um coice, e ele finalmente compreendeu.

Apenas depois de servir ao seu aprendiz uma farta refeição, ali mesmo no jardim de flores, o mestre perguntou:

- Então, meu aprendiz, creio que tenha compreendido sua visão agora.

Após uma pausa, o aprendiz respondeu, calmamente:

- O lago é o Universo, move-se em todas as direções, contém tudo e não possui bordas. Estamos todos boiando nele, mas alguns de nós nadamos ativamente, buscando por seus sonhos e aproveitando a maré, enquanto outros apenas se deixam levar pela correnteza, esperando que essa o conduza à felicidade. Quando morremos, somos puxados para suas profundezas, mas, assim como o cervo, nossa energia não é desperdiçada, e para toda energia que submerge, uma quantidade igual emerge. Para nossa limitada compreensão, tudo isso ocorre de forma caótica e aleatória. Mas se abirmos nossa mente e olharmos com cuidado, podemos apreciar a beleza e a harmonia desse balé cósmico.

- Parabéns, meu jovem companheiro. Você foi bem sucedido em abrir sua mente ao Universo e a seu Ciclo, e agora posso lhe ensinar tudo o que sei.